



Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbich; F. Caldeira; F. Palha Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsara; Visconde de Benalcantar, etc.

SUMMARIO

TEXTO: — *Chronica*, por Joaquim Lima; *Serenata*, soneto, por Lorjô Tavares; — *A primeira poesia de Camillo*, por Alberto Pimentel; *Comedia do amor*, por Alberto Telles; — *Esmola da creança*, versos, por A. Marinho da Silva; — *As nossas gravuras*; — *Em familia (passatempo)*; — *Um conselho por semana*; — *A rir*; — *Theorias* (de A. Karr); — *A hora tragica, em quinta feira maior*, por Guiomar Torrezão; — *Uma paizão*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS: — *Miguel Paes*; — *Francisco d'Oliveira Chamico*; — *Dr. Van der Laan*; — *O incendio do theatro Baquet*; — *Modas*; — *Actor Firmino*; — *Arsenal de Veneza*.

CHRONICA

Não sei se chore...

Porque, afinal, dispersa como vae pelo infinito espaço a fumarada sinistra, e remediados quanto possivel os seus terriveis efeitos, custa-me a crêr que alguém ainda me tomasse a serio as lagrimas que, sem grande custo, eu poderia n'este ponto derramar.

A caridade, jorrando vertiginosamente sobre os destroços da catastrophe, valeu de certo mais do que as lamentações do estylo nas grandes crises populares; e a caridade, ella mesma, a mais util e a mais delicada feição da natureza humana, cil-a estorcendo-se já nas mãos profanas da politica, que a leva ao colo e se propõe reduzi-la, em breve trecho, ás proporções mesquinhas do carneiro com batatas.

Fazer bichinha gata ao Porto, tem sido sempre, e mais agora do que nunca, a aspiração tenaz de todos os partidos militantes n'este pequeno paiz onde floresce a lorangeira, e em cujo delicioso clima, de resto, todas as fructas se dão bem. Vamos a vêr se a caridade pega.

E' certo que, animada a politica de tão bonitos sentimentos, sincera ou hypocrita que seja no exercicio d'elles, terá um dia na sua vida servido para alguma coisa. Mas, francamente, será depois bem applicada esta

corrente d'amor que ahi se desenvolve? Não será excessiva tamanha febre, não será um tal excesso inutil?

Vejamos: Cerca de cem pessoas perderam para sempre a luz n'aquella noite cruel de 21; para essas, é largo o cemiterio, e dentro das respectivas campas não cabe já o sentimento do publico que, de mais, as pro-



MIGUEL PAES

fanou pisando-as. Não é pela saudade, confessemos, que o nosso espirito abrange a memoria d'aquellas victimas; é pelo horror. Que lhes importa a ellas, almas agora desligadas do seu involucro de carne, o horror que nos inspira, a nós, o sacrificio da carne?

Das outras victimas, das que ficaram, perderam umas na hecatombe simplesmente affectos, ao passo que

outras perderam, além de affectos, o amparo. Para as primeiras não ha na nossa bolsa recurso de nenhuma especie, porque se não vende amor em parte alguma; é para as ultimas, portanto, e para essas exclusivamente, no seu de certo limitado numero, que hão-de naturalmente convergir todas as nossas esmolas. Excluidos os orphãos que fôram já perfilhados, e que estão fóra do alcance da generosidade publica, de todos os modos inferior á generosidade de quem os adoptou, ficam talvez vinte familias. Poder-se-hia, portanto, garantir a cada uma d'ellas, com cem ou com duzentos contos, uma diaria seguramente superior á dos seus chefes respectivos, que pertenciam todos, como se sabe, ás classes menos remuneradas. De resto, aquelle capital podia até ser empregado n'alguma empreza util, ou no desenvolvimento d'alguma industria que ande para ahi a pedir chuva.

Mas nada d'isto se fará, affirma a pratica. E não havendo rasão para suppôr que a velha sabichona d'esta vez se engane, está explicado o motivo que nos leva a crêr que ha já dinheiro de mais.

Demonstrações de quanto essa convicção se tem generalizado temol-as nós de sobejo nos bandos precatórios, que vão degenerando em simples figuras de rhetorica, tendo aliás os primeiros produzido quantias importantes.

Familias honestas, com quem topamos na rua, grupos de benemeritos peregrinando pela bocca gentil de uma donzella que estende para nós a mão direita e empunha um sacco na sinistra, é vêr que debandada já provocam. Escondem-se uns nas escadas, sumem-se outros pelas travessas...

Os proprios theatros teem rendido, nos beneficios, menos do que seria de esperar. Aqui, porém, accresce a circumstancia de que a ninguem apraz morrer torrado, nem mesmo a bem do proximo. As emprezas, com tal beneficencia, fazem-se, é certo, *réclame*, mas dão, realmente, idéa de um sujeito que, condoido pela sorte de meia duzia de sardinhas que viu assar, se propozesse bizarramente a assar mais meia duzia d'ellas.

E' incontestavel que o sarau promovido pela imprensa e a tourada, por exemplo, hão-de ser espectaculos concorridissimos. Isso porém não provará que os espectadores tenham ainda desejos de avolumar o seu obulo; o programma é tudo. A troco de um discurso de Pinheiro Chagas ou de uma sorte de Carlos Relvas, vale a pena exercer a caridade; o que não evita que os bemfeitores fiquem depois lastimando a applicação dos seus metaes, se por acaso a não reputam excellente.

Ora, verdade, verdade, para fazer como é costume, isto é, para distribuir em pequenas retribuições a este e áquelle, segundo cada qual se diz lesado, deixando no fim de contas em deposito uma quantia insufficiente para occorrer a nova catastrophe, mas que apodrece á espera d'isso, graças a Deus, não serão porventura mal empregados o ardor e a constancia com que se tem implorado o publico?

Tanto mais que, ao encontro do grande numero de esmolas que urgiam pelas necessidades de momento, correu immediatamente a Rainha que, em Portugal, é sempre n'estes casos a primeira.

E a mim, simples mortal obscuro, quer-me parecer que a Senhora P. Maria Pia manifestou aqui, mais uma vez, a energia e a generosidade, que naturalmente herdou de seus avós, e que a tornam, á nossa vista, uma creatura superior, digna de todos os respeitos e de todas as sympathias.

Energia e generosidade que se não prendem de nenhuma forma ao numero nem ao valor das esmolas que Sua Magestade distribuiu. Essas quantias, por maiores que sejam, são certamente inferiores á dignidade real

da bemfeitora; o que, porém, é grande, é o altruismo com que a rainha de Portugal abandona o seu palacio, onde ha conforto, para visitar choupanas onde ha miseria. E, no Porto, a que pungentes dramas assistiria a filha de Victor Manuel! Em que tristissimos scenarios terá suspenso a vista quem, se quizesse, á mesma hora, poderia viver despreocupada no seu palacio opulento, além de cujas paredes a boa vontade cortezã evitaria que chegasse o soluçar do povo!

Ao egoismo de que a historia accusa a maior parte dos principes, responde a Senhora D. Maria Pia manifestando-se menos egoista do que qualquer de nós. O que não quer dizer que a historia tenha mentido a respeito dos primeiros; sómente affirma que a Rainha de Portugal não é princeza apenas pelo nascimento, mas que o é tambem, principalmente, pela alma, e pelo amor, o que vale mais.

Pela minha parte, confesso que, embora dê gostosamente a minha esmola modesta, evitaria quanto possível pôr-me em contacto com as victimas, mutiladas umas, lacrimantes outras, mi-eraveis todas, d'aquella immensa catastrophe. E todo esse horrôr deve impressionar tanto mais profundamente, quanto mais de alto se vem, quanto mais houver de se descer para chegar junto d'elle.

De resto, para medir com justiça toda a bondade da generosa Rainha, é necessario suppôr a commoção extraordinaria que o seu olhar e a sua voz hão-de forçosamente produzir no animo dos desgraçados. A esmola real é d'esse modo duplamente efficaç, porque dá lagrimas d'amor a quem já não vertia senão lagrimas de fel. Emquanto a pobre gente scisma n'aquelle facto estranho de ter no seu albergue recebido aquella que apenas uma ou outra vez tinha entrevisto em carruagens faustosas, e de quem se acreditava separado pela distancia infinita, emquanto no espirito lhe fulge essa visão dourada, não ha espaço n'elle para os phantasmas sinistros da morte e da miseria.

Bem haja, pois, a princesa!

Lembro-me enfim de que não disse uma palavra sobre o martyrio do Golgotha.

Mas disse no anno passado.

De mais, é hoje sabbado, e estão os sinos repicando, ao mesmo tempo que eu me proponho ao silencio. Longe portanto a tristeza.

Alleluia!

E, a respeito de amendoas, temos conversado.

JOAQUIM LIMA.

SERENATA

O pallido luar mergulha curioso
Sobre o docel espesso e negro dos pinhaes.
Dormem tranquillamente as mattas virginaes,
Onde se occulta um mundo alado, ruidoso.

O branco lyrio, o lago, o ninho silencioso,
O arbusto, a flor modesta, os grossos vegetaes
Parecem escutar os cantos divinaes
D'um rouxinol que geme a soluçar queixoso.

Não sei que maguas diz o triste, de mansinho,
Tão de manso que eu julgo haver ali um ninho
'scondido com amor ao fundo da quebrada...

Ai! não... O trovador pousou talvez na matta
E geme assim de leve aquella serenata
Para não perturbar o somno á minha amada.

LOPJÓ TAVARES.

A PRIMEIRA POESIA DE CAMILLO

(Apontamentos para a biographia de Camillo Castello Branco)

No tomo 1.º da collecção de poesias de Camillo Castello Branco, intitulada *Dois epocas da vida*, encontra-se uma composição que se denomina *Traição e vingança—A minha primeira poesia*.

Segundo o proprio testemunho de Camillo, quando n'este assumpto conversamos, ha poucos mezes, em Lisboa, não é essa, respeitando a ordem chronologica, a sua primeira poesia, embora seja essa a que, de todas as suas primeiras composições poeticas, elle considerou mais litterariamente perfeita.

A primeira poesia de Camillo é, chronologicamente, a que se encontra no prologo do livro de versos *Ao anoitecer da vida*, escripto em 1862 e publicado em 1874.

Ainda que não houvesse a declaração cathorica de Camillo, o sabor arcade da poesia que em seguida vamos publicar para logo denunciaria a sua prioridade sobre a *Traição e vingança*, já pautada pelos processos da escola romantica.

Vejam agora como a proprio auctor glosa, no tom humoristico que lhe é peculiar, a sua primeira inspiração amorosa.

«A minha primeira poesia!

«Quer o leitor desenfadar se a ler a minha primeira poesia?

«Que alegria a minha, quando, ha tres annos, depois de uma ausencia de desoito, voltei á aldeia onde me criei, e lá, entre os meus livros de infancia, encontrei a minha primeira poesia n'este papel amarellecido, que aqui me está espelhando a decrepidez da alma!

«Por esse tempo (1842) fui eu a uma romaria da *Senhora Aparecida*, duas leguas ao sul da mesma serra (do Mesio), na quebrada d'outra serra da mesma cordilheira.

«Já eu tinha dado algumas voltas em roda da ermida, ao lado do rabequista, que era o mais atrevido imaginador de phantasias chulas. «Chulas» chamam lá ao complexo do instrumental que forma o essencial de taes festanças. Em outras partes da provincia dizem «ronda», e «esturdia» n'outras.

«Parada a ronda, como visse que outra lhe sahia á frente, mais galharda, com maior sequito de moços, e a sobre-excellencia d'um clarinete que guinchava umas deliciosas variações, algum tanto abafadas pelo retumbar do zabumba, e grilharia de ferrinhos.

«A ronda, a que eu ia associado, não quiz ceder o passo á outra, que era de rópia e basofia. Esta, um pouco desconcertada, esteve-se momentos em conselho deliberativo; mandou as mulheres e rapazio para a rectaguarda; recolheu os musicos ao centro, e cobriu a frente com quatro espadados moços de páo ferado. D'ahi a nada, as cabeças amolgadas eram mais que os páos; as rebeças iam soando pelos ares como harpas eólicas; os bombos gemiam roucos ao arrebutarem; o homem do clarinete salvava-se no topo da serra com o inspirado instrumento, e a cantadeira mais insigne d'aquelles arredores, que sustentára desafio duas horas, amaldiçoava o astro fatal que a fez quinhoeira d'uma bordada que a deslombou. Parecia o dia de juizo!

«Devo á minha presença de espirito sahir illeso d'esta suprema provação. Estava ali perto uma pipa de vinho que os gladiadores respeitavam por não sei que prodigioso instincto. Os páos travados desensarilhavam-se, quando, ao rossarem pela pipa, o taverneiro lhes gritava aos cegos da ira:

—Rapazes! não me boteis a perder! Olhai que me abrides ao vinho!

«Parecia coisa de milagre! Desandavam logo como de logar sagrado, e não respeitavam as opas dos irmãos da confraria, muitos dos quaes sahiram mcidos da festa, por se mette em a pregoar pazes.

«Silvei-me, pois, encostado á pipa, onde me acolhi, depois de raciocinar friamente sobre as evoluções da tremenda batalha. D'aquí presenciei o triste espectáculo de dezenas de homens esmoucados, e centenares de mulheres, velhos e creanças, ajoelhados por aquellas ladairas, pedindo clamorosamente á Senhora Aparecida que tivesse mão d'aquelles homens que se matavam.

«Entre-lembro-me de que estas supplicas aproveitaram, excepto a dois, que lá ficaram enterrados no adro da ermida: um d'estes era o zabumbeiro da ronda aggressiva, e outro era o violinista da minha, engenhosissima creatura que tocava tudo quanto havia em dois bordões e uma prima, prima da viola, quero dizer. Deus os tenha a ambos nos córos angelicos, já que o mundo não era digno d'elles.

«Applacada a desordem, agradei mentalmente á pipa aquelle como inviolavel protectorado de pavilhão inglez (vem de seu ao pintar todas as comparações com inglezes, quando cheiram a vinho) e fui procurar os destroços dos meus amigos.

Um sacerdote de boa presença andava providenciando ácerdos mortos e dos feridos. Com este padre, vigario da fregue-

zia proxima, andavam duas sobrinhas, vestidas senhorilmente e, com suas barretinas de palha de Italia, plumas escuras, e vestidos brancos de mangas perdidas. Eram umas tafulas! Não tocante a rosto, mais feiticeiras mulheres nunca meus olhos tinham visto, nem a minha devaneadora poesia as entrevira em sombra. Perguntou-me o padre quem era eu; e succedeu ser eu irmão de uma conhecida d'aquellas esbeltas senhoras. Festejaram-me com muitos cuidados pela minha segurança, e deram-me de merendar umas saborosas talhadas de salpicão, e fructa seca, tudo condimentado pelos sorrisos supra celestiaes de uma das duas moçetonas, que a estas horas... santo Deus! como isto é triste! devem ter netos e raros vestigios!uaq, p ellas lustrosissimas perolas que lhes divinavam o sorriso

«Ao lusco fusco, o vigario sahio da romagem com as sobrinhas, e eu, com os meus conteraneos, caminhamos em direcção opposta para os nossos sitios.

«Estive largo espaço no tézo d'um oiteiro em que os olhos alcançavam por entre o já carregado crepusculo as brancas visões que transmontavam a colina proxima. Depois que de todo em todo desciam na quebrada invisível do oiteiro, ainda ali me fiquei, vendo-as no arrebol do horizonte, e na estrella vesper. Depois, tornado em mim pelas vozes dos meus companheiros, que já me não enxergavam, dei tento então de estar chorando. Eram as primeiras lagrimas do coração.

«E quer agora vêr o leitor o que fazem lagrimas aos quinze annos? Veja nas seguintes linhas a face irrisoria d'um primeiro amor. Olhem a ingenuidade com que eu quiz metreficar as minhas primeiras e parvoinhas innocencias, e admirem-se da mais sandia ingenuidade com que as divulgo, sem corrigil-as, se quer!

«E chamei eu a isto

ODE

Se as tristes expressões do triste Alcino
Em versos dolorosos moduladas
Merecem de attenção um só momento,
Não recuzeis, Senhora, attenção dar-lhes:
Pois se a lyra é d'Alcino, o estro é vosso.

Sensíveis somos. Crime! acaso é crime
Affectos mil sentir no centro d'elles?
Tão fragil coração qual é o do homem
Não pecca, se do amor á mão se dobra.
Sentimentos gravados n'alma existem
Do nobre, do plebeu, quaes tem minh'alma.
Sensíveis todos são; nasçemos todos
A' vez d'um só creador, do mesmo sopro.
D'esta doce cadea, inquebrantavel
Tambem teu peito, Elmena, um elo forma.
Estás tambem a leis eguaes sujeita;
O mesmo astro, que influe na tua alma
Na minha influe e verte amor em fogo.

E é tão violento este imperio, que ata
Que vence os corações, que os funde e abrasa,
Quanto é sincero, Elmena, ó doce Elmena,
O impulso d'amor que me incendeia,
Nascido sim do amor; mas momentaneo
Qual o raio veloz que abrasa e foga.
Eu vi-te, Elmena, eu vi-te e ao ver-te subito,
Senti amargo fel juncto á doçura!
Um presente clarão me fulge á mente;
A nuvem do passado a mente obumbra;
Um funebre porvir me aterra e assombra!
Meus olhos te procuram, vagam, correm;
Mas lagrimas lhe affogam os raios d'alma.
Meus labios, presumidos, se esforcem
Na exposição da vacillante ideia;
Mas á dor cordeal sossobram labios!
Meus olhos outra vez a ti se inclinam,
E convulsos da dor não vêem teus olhos.
Teus fugitivos passos sigo attento...
Eis-me ainda outra vez, contigo, Elmenal
Um penoso pudor me estorva as vozes...
Nem ao menos teu nome ousou pedir-te...
Para em meu coração, sacrario d'elle,
Perpetuo altar, perpetuo culto dar-lhe!

Pouco depois, em vão te vou buscando...
Segues a extrema do caminho opposto;
A outra eu sigo... inda tres vezes olho;
Mas já não vejo quem a paz me rouba!
Adeus! ahi para sempre, adeus, Elmenal
Cá fica Alcino, succumbindo á magua!
Se algum dia, esta carta, acaso, vires,
Talvez que sintas commoções de pena:
Talvez te lembre de que viste, um dia,

N'uma romage incognito mancebo
Que, constante, fitou teu rosto bello.

Mas deixa, ó alma triste, a magoa, o pranto!
Um momento recobra d'alegria
Emquanto a parca a fatal foice afia!
Recobra de descanso um só momento;
Não lamentos um bem, que vai perdido;
Pois mais do mal se agrava o sentimento.
Quando cumpre fallar do mal sentido!

«Riram-se?

«Agora saibam que esta cataplasma me foi um vesicatório no coração. Muita lagrima chorei n'aquelles meus quatorze annos!

«Subia eu á crista d'um oiteiro, d'onde se avistavam umas como nevoas de fumo, a duas grandes leguas de distancia. Ali imaginava eu que devia ser a aldeia de Elmena, e presbiterio do tio, e a guarida das avesinhas, que a viam, e lhe annunciavam a madrugada. Do oiteiro eu descia ao intardecer, chorando, e escutitando na traça de lhe mandar a minha ode.

«De ninguém fiava a remessa, ou ninguém se encarregava do mandato. Uns riam de mim, outros escarneciam me, e os mais sisudos mandavam me jogar o peão, ou conjugar um verbo da arte do padre Pereira.

«Poucas semanas volvidas, sahi d'aquella terra para outra, onde vivia um mestre de latim, sujeito de não vulgar lição, pregador de fama, e bom velho sobre tudo, o padre Manoel da Lixa.

«Como eu, saudoso das montanhas que deixára, continuasse a escrever odes, e a declamar-as aos condiscipulos, o velho latinista quiz ouvir-m'as, e, com tanta generosidade o fez, que moradia o beijo para disfarçar o riso. D'estas almas é que já não ha!

«N'aquella terra andavam ás más dois irmãos de fidalga prosapia, á conta do casamento desigual que um d'elles intentava fazer, contra a vontade do mais velho. Por parte dos sequazes d'este me foram pedidos uns versos, em que a noiva menos fidalga e o apaixonado mancebo fossem chanceados á conta de me não lembra que antecedencias mui ageitadas á galhofa metrica. Deu-me soberbas uma incumbencia d'este generoso Poeta, e de mais a mais requestado para intervir com minha opinião em casamento tão fallado nas vinte aldeias circumpostas!

«Escrevi uma folha de almaço em quadras, que os interessados na publicidade afixaram na porta da igreja, momentos antes da missa das onze horas. O boticario, que seguia as partes do advogado, lia a satyra á população, que ria ás escancaras.

«E eu do lado a rever-me na obra, e a saborear-me nas alvares cascalhadas do gentio!

«Por um cabello que não fui então martyr do genio! A victima cruxificada na porta da igreja não era das que dizem: «Senhor, perdoai ao poeta, que não sabe as asneiras que diz!» Apenas lhe constou que era eu o instrumento da vingança de seu irmão, preferiu quebrar o instrumento, e deixar não só o fidalgo, que tambem o boticario em paz. Poeta era eu só n'aquelle quadrado de dez leguas: avisadamente conjecturou o homem que, esganando a musa que o verberára, abafaria aquelle respiraculo de detracção inimiga.

«O padre mestre avisou-me horas antes da espera e da sepultura. Fugi com o *magnum lexicon* debaixo do braço, e com os ossos direitos que me aquella terra ingrata queria comer.

«Ahi está ingenuamente escripta a historia das miugas primeiras poesias de mais tomo: a ode e a satyra.

(Ao anoitecer da vida)

ALBERTO PIMENTEL.

COMEDIA DO AMOR

POR

AMERICO PESTANA

Eis o titulo de um livro que me foi agora obsequiosamente remettido do Porto. Papel e typo excellentes, edição nitida—356 paginas.

Comedia do Amor... Tive um dia esse pensamento que exprixi n'estes maus versos:

Amor, barata feira!
Se não se faz negocio,
Não ha melhor maneira
De encher as horas do ocio.

Consta de algumas confidencias, versos e pequenos contos, narrados singelamente, sem nenhuma pretensão, como se diz. Vê-se que o auctor tem mais experiencia da vida do que da pena, e tem lido mais e com mais attenção no livro aberto da existencia do que nos volumes arrumados com enfado nas estantes das bibliothecas. A *Comedia do Amor* é, pois, uma estreia, e esta circumstancia está de per si aconselhando a critica a ser benevolenta, sem deixar de ser justa.

Abrindo o livro ao acaso, deparei logo com este pensamento, que deve considerar-se uma maxima:

«Quando já não ha nada a salvar do amor, é preciso então ainda salvar o amor proprio e os sentimentos da delicadeza.»

Mais adiante um dito feliz, a proposito das alcunhas que os guardas-marinhas inventam nos seus alojamentos: — «alcunha da praça de armas algumas vezes mata a sua victima: um certo capitão de mar e guerra que nenhuma força humana fazia embarcar, e que era o homem mais pacifico d'este mundo, foi fulminado pela alcunha de capitão de paz e terra.»

Agora estas quadras pittorescas:

Fui por terra a S. Martinho,
E fui parar á Nazareth.
Quem quizer que a rosa brilhe
Ponha lhe o cravo ao pé.

Farilhão é barco de ouro,
Estella, barco de prata,
A Berlenga, nau de guerra,
Onde o meu amor embarca.

Cantigas de pescadores de Peniche.

A proposito de Peniche, escreveu o sr. Pestana algumas formosas paginas, que, de certo, não vou transcrever aqui, nem é preciso, porque d'ellas póde o leitor muito bem fazer idéa pelos seguintes periodos:

«Ao longe, na frente, a linha unida do horizonte interrompida de vez em quando pela sombra de um vapor ou de um raro navio de véla, fazendo caminho Norte-Sul. Sabindo de Peniche de baixo cahiques e canoas com os seus bastardos em cima e dobrando o cabo Carvoeiro afim de irem ao encontro do pescado na Meia-Via, entre os dois pharoes da Berlenga e do Cabo, postados como sentinellas, o primeiro com o seu pedestal de 365 pés e alcance de 25 milhas e o segundo com uma altura de 182 pés, comprehendendo a torre. Pela rectaguarda e sobre a linha de areia que liga Peniche ao continente, com a apparencia de um regimento de granadeiros gigantes, uma companhia de enormes rochedos, onde deveria collocar-se a estatua de Nossa Senhora dos Navegantes.»

Isso tudo, apanhado de relance, fez-me vontade de ler o livro, e então observei que elle constava, como já disse, de confidencias, alguns versos e pequenos contos.

Uma d'essas confidencias (ou casos em forma de confidencia) é referente á já sedicã questã da rehabilitação da mulher perdida, em que o auctor não crê, e n'isto me parece que dá a medida do seu bom senso: — «O meu intento—diz elle—era isolar a do mundo em que vivera, restaurar a sua virtude por meio de uma especie de rigorosa quarentena moral e pela applicação da dietas e formulas espirituaes, que tudo lhe fornecia pelo modo que me pareceu mais proprio para ella.» A mulher tinha por habito cantar esta trova:

A mulher é cata-vento;
Ella co'os ventos varia;
Seu amor dura um momento;
Tolo o que n'ella se fia!

E quando o homem lhe exprobrava a sua volubildade, respondia com o primeiro e o segundo versos. Se a interrogava sobre os seus sentimentos, a resposta era o terceiro verso. E por isso conclue o auctor:

— «Decididamente, ella quasi o confessava, eu merecia com justiça a designação do ultimo verso da quadra.»

O vicio tem um largo quinhão na *Comedia do amor*, e o auctor cita até estas expressões de Coppée:

«La débauche a donc mis dans mon âme de fange un virus éternel.»

Mas o tredo enleio causado pelo convivio de certas mulheres que arrancam dos labios inspirados dos poetas essas expressões desoladoras, foi amargamente descripto pelo nosso Bocage em versos immortaes:

Nos torpes laços de belleza impura
Jazem meu coração, meu pensamento;
E forçada ao servil abatimento
Contra os sentidos a razão murmura:

Eu, que outr'ora incensava a formosura
Das que enfeita o pudor gentil, e exempto,
A já corrupta idéa hoje apascento
Nos falsos mimos da venal ternura:



FRANCISCO DE OLIVEIRA CHAMIÇO



DR. VAN-DER-LAAN

Se a vejo repartir prazer, e agrado
A'quelle, a este, co'a fatal certeza
Fermenta o vil desejo envenenado;

Céos! Quem me reduziu a tal baixaza?
Quem tão cégo me poz?... Ah! Foi meu fado,
Que tanto não podia a natureza.

Pertencê o livro do sr. Pestana á eschola realista, e os mais exaltados sequazes d'esta nova seita teem ali muito com que regalar o seu paladar litterario, desde as febricitantes viravoltas de um rapaz solteiro, que está na cama a sonhar acordado com as delicias do paraizo de Mafoma até a estupenda revelação de um pharmaceutico em quem o palpitar do coração era invariavelmente seguido de dilatações do sphincter: «Que quer vossé, amigo, sempre que se me fecha o coração sobre um segredo de amor abre-se-me o sphincter...—O auctor escreve com toda essa sem-cerimonia, porque não vê deante da sua escrevaninha de bordo o *respeitavel publico*, mas sim, abonando-se com a auctoridade de Goethe no primeiro prologo do *Fausto*, uma *multidão grosseira*.

E, se nos seus esboços realistas ha um traço justo e vigoroso, é sem duvida esse. Ao publico de hoje já um romancista contemporaneo tinha chamado multidão, e com aquelle adjectivo ficou agora a expressão completa.

As folhas da *Comedia do Amor*, em que avultam as tristes realidades da vida não são as que me agradam mais, mas é fóra de duvida que teem a seu favor a moda. Não desconheço, todavia, que algumas paginas escriptas n'esse tom se lêem com certo prazer. Está bem descripto por exemplo: o *odore di femmina* que sentiu Paulo ao entrar no quarto da prima:

«Um dia, passando pelo quarto de ella, Paulo viu sobre uma cadeira uma meia que com toda a certeza lhe pertencia, uma meia suja. Paulo foi tomado por uma grande curiosidade, a que não poude resistir, de lhe pegar. Considerou como sua prima sujava pouco a roupa: a meia tinha apenas uma pequena macula amarellada no calcanhar. Então de todo o quarto sentiu levantar-se um cheiro carnal de mulher de quinze annos e virgem, um cheiro que lhe alvoroçou o sangue e que lhe deu, agora que se achava no quarto de ella, o desejo de se aventurar entre as cousas que lhe pertenciam, descobrir os segredos de debaixo e de cima da cama, as revelações do ultimo vestido de campo, as confidencias do pente e da escova do cabello.»

Ha ahí só talvez que notar uma cousa:—é que debaixo da cama não estavam naturalmente vasos de jasmim e de violetas. Mas o falar d'aquelles segredos (antigamente não se chamavam assim) é uma exigencia de eschola; tanto mais que os taes segredos tiveram preferencia a tudo o mais.

E' minha opinião que ao sr. Americo Pestana corre mais elegantemente a penna nas descripções de logares que, por qualquer motivo, lhe deixaram uma impressão forte, de que nos contos realistas, que enchem a mór parte do seu livro. E agora, em que tanto se fala e se escreve sobre as nossas possessões ultramarinas, persuado-me que os leitores hão de apreciar muito este quadro de Moçambique, que devemos reputar fiel, por ter o grande merecimento de ser feito *d'opres nature*:

«Eram dez horas da manhã e estava um dia esplendido. Um azul de céu tropical. O sol, já muito alto, queimava, e a sua luz, cahindo a jorros, faiscava em todos os objectos. Fazia-se por toda a parte uma reverberação que cegava. Do lado do continente o horisonte monotono onde a verdura do mangal dava allivio á vista, só interrompido pelos dois pontos notaveis, marcas dos navegantes, as montanhas que se chamam em virtude da sua configuração o Pão, a Mesa.

«Desde a ponte da Cabeceira até a ponta de Sancul, ao sul do porto, perdiam-se as povoações da Cabeceira pequena, Cabeceira grande e Mussoril entre palmares viridentes, encostados d'um lado á areia da praia e do outro á espessa vegetação do matto. D'espaco a espaco uma columna de fumo, subindo na atmospheria nitida, enovelando-se, trepando, attenuando-se e accusando uma queimada ou uma fogueira distantes.

«Do lado da ilha uma resumida faxa rasa, sem accidentes; um areal onde a vegetação difficilmente medra e onde o chão firme é o banco de coral em que assenta a areia e que constitue o pedestal da cidade. Da banda do norte a respeitavel fortaleza contemporanea da grande era das nossas navegações, toda construida de pedra conduzida da metropole, se é verdadeira a tradição; depois o oasis do campo de S. Sebastião, e em seguida o agglomerado das casas da cidade, todo n'um plano, onde sobrelevam a casa do governador, a alfandega, as ruinas da sé velha, os telheiros do arsenal, a praia do saleiro e, muito longe, perdido entre palmeiras distantes, o vulto meio escondido do hospital novo. Casas em que o telhado é substituido por um terraço que recebe as aguas das chuvas e as envia para as profundas e vastas cisternas, que tem cada habitação, e o amarello monotono de todas as edificações são o caracteristico da cidade; as casas tem um ar massivo e grandioso que fez com que os inglezes chamassem a Moçambique a ilha dos palacios. Respira-se o que quer que é que nos faz pensar n'uma cidade oriental, que define a cidade como uma escala das antigas navegações para o oriente mysterioso e hieratico, e que estabelece o seu parentesco com a

visinha Zanzibar, igualmente habitada por numerosos colonos da India, e onde, como em Moçambique, só a cultura indica e islamita tem accesso.

«Um mar soberbo e calmo povoado por uma basta população de tubarões. Uma verdadeira flotilha de pangaos, esses barcos de forma caprichosa, com a sua pópa arrendada, com os seus mastros tombados para vante, o seu alteroso tombadilho, o seu aparelho de cairo de uma simplicidade primitiva, cuja architectura deve ser contemporanea das gloriosas epocas das nossas navegações. Dongos, troncos escavados ou embarcações feitas de cascas de arvore cosidas com uma fibra vegetal, representando o que ha de mais primitivo em architectura naval e tripulados apenas por um ou dois indigenas, sulcam o porto em varias direcções.»

*

Tenho dito com franqueza as impressões que me causou a leitura da *Comedia do Amor*. Agora, para acabar, respiguemos algumas quadras, rescendentes a mais fragrante poesia popular, que o auctor intercalou nas paginas realistas do seu livro.

Pedrinhas d'esta calçada,
Levantai-vos e dizei
Quem vos passeia de noite,
Que de dia bem o sei.

Quem quer bem dorme na rua
A' porta do seu amor;
Das pedras faz cabeceira,
Das estrellas cobertor.

O cabelo de Maria
Anda no mar a nadar,
Ail quem fóra pente de ouro,
Que lh'o fóra pentear!

A folha da oliveira,
Quando cae ao lume, estala;
Assim é meu coração
Se o meu amor me não fala.

ALBERTO TEILLES.

A ESMOLA DA CRENÇA

(Imitula da prosa ingleza de madame Emma de K...)

Tu nunca viste, creança,
Trocar o gôzo p'la esmola,
Nem o prazer que exp'rimenta
Quem a pobreza consola?

Pois vaes saber n'este conto,
N'esta bonita novéla,
Como serviu de sustento
Simples brinquedo:—uma péla!—

*
*
*

'Iuda não ha tres semanas,
A' mãe fallava em segredo,
Gustavo, linda creança,
Pedindo, alegre, um brinquedo.

A mãe, que nunca soubera
Aos bons o premio negar,
Deu lhe a sorrir o dinheiro
Com que o brinquedo comprar.

N'isto, a creança, contente,
Depois da mãe ter beijado,
Sae, pelo servo, seguida,
Em busca do desejado.

O INCENDIO DO THEATRO BAQUET



(Fachada da rua de Santo Antonio durante o incendio)



(Fachada da rua Sã de Bandeira durante o incendio)



(Ruinas da fachada da rua de Sã da Bandeira)

Ao ver passar junto a si,
N'um galopar desabrido,
Amestrado cavalleiro,
Inda novo e bem par'cido,

Pergunta ao velho creado
Quem era o tal cavalleiro,
E poude logo saber
Que tinha muito dinheiro!

• Quem me déra em seu logar!
(Diz a creança a sorrir)
« Cavallos, carros, boisinhos
« Podia então adquirir! »

E, quando assim desejava
D'esse feliz o gozar,
Vé junto a si um rotinho...
Um pobresito a chorar.

• Porque choras, rapazinho?
« Perdeste o pae, infeliz?!
« Ou não podéste suster
« Nas tuas mãos a perdiz? »

« E' bem diff'rente o meu mal.
(Responde em pranto o coitado)
« Um cavalleiro imprudente,
« De Villa Velha morgado,

« Fez-me cabir e perder
« O leite p'ra minha mãe,
« Havido co' o meu trabalho
« N'aquellas terras d'além!

« O leite, pobre sustento
« De minha mãe, coitadinha,
« Que pelas Neves já fez
« Tres annos de doentinha! »

(Falla de novo a creança)
« Mas dize cá rapazinho:
« O morgado cavalleiro
« Não soube encher-te o bolsinho? »

« Isso sim, ninguem soccorre,
(Volta o rapaz a chorar)
« Sómente lança dinheiro
« P'ra nos ver em briga andar!

• N'essa lucta encarnçada,
• N'essa força desigual,
« Em que nós, os pobresinhos,
« Disputamos o metall!

« N'ella sim, dispende libras...
« Prata e cobre, de bom grado;
« Mas soccorrer o faminto...
« Isso, p'ra elle, é peccado! »

« Oh, meu Deus! e qu'ria eu ser
« Como aquelle cavalleiro!...
« Isso não; olha, infeliz:
(Toma Gustavo o dinheiro.)

« Aqui tens esta pratinha
« E vae te alegrar com ella;
« Eu desde já renuncio
« A' compra da minha pé!a. »

* * *

Voltaram ambos contentes.
Oh, que scherba lição!
Saiu da péla o sustento
P'r' os pobresinhos sem pão!

A. MARINHO DA SILVA.

AS NOSSAS GRAVURAS

Mortos illustres

MIGUEL PAES—FRANCISCO DE OLIVEIRA CHAMIÇO—
DR. VAN-DER LAAN

A todos tres a morte arrebatou na semana que acaba de findar.

Miguel Paes era um engenheiro distinctissimo, que honrava a sua classe pelo seu talento e pela sua illustração.

Occupando durante os ultimos annos um alto posto na direcção das linhas ferreas do sul e sueste, todos sabem com quanta energia, sollicitude e intelligencia, elle se occupava dos interesses da administração technica a seu cargo, melhorando constantemente o material e as officinas, de modo que podessem honrar o trabalho artistico official.

Miguel Paes era dotado de bastantes aptidões artisticas, e a musica devia-lhe affectos especiaes; o distincto engenheiro cultivou esta arte com amor em varias composições graciosas e elegantes, que ainda hoje alegam os ocios da mocidade em alguns dos nossos salões.

Publicou tambem dois volumes em que reuniu os importantes trabalhos sobre os melhoramentos de Lisboa e seu porto, publicados em folhetins no *Diario de Noticias*, além de muitas memorias relativas ao mesmo assumpto.

O distincto engenheiro assentou praça em caçadores, em 1842, tendo 17 annos de idade; foi promovido a alferes em 1851, a tenente em 1857, a capitão em 1868, e a major em 1881. Era cavalleiro de Aviz.

Era do engenheiro Miguel Paes a idéa de ligar as duas margens do Tejo por uma grande ponte em frente de Lisboa, o que, cremos, um dia se realisará.

O conselheiro Francisco de Oliveira Chamiço, cuja morte produziu uma dolorosa impressão no mundo da alta finança, foi fundador e governador do Banco Nacional Ultramarino.

Era um homem fino, prestante, caritativo e muito intelligente.

Existe ha dois annos, nas Caldas da Rainha, um hospital para leprosos, construido e mobilado pela sua poderosa iniciativa.

Com uma caridade infatigavel, o sr. Chamiço promovia, todos os annos, festas e concertos no club das Caldas, sendo o producto applicado á fundação d'aquelle hospital.

Na exposição de Anvers, onde era delegado nosso, distinguio-se notavelmente o sr. Francisco Chamiço fallando por varias vezes, sempre com um grande bom senso e um exemplar patriotismo.

El-Rei premiára em tempo os seus meritos e os seus serviços, agraciando-o com a gran-cruz de Nossa Senhora da Conceição.

O dr. Van-der-Laan era um distincto especialista de doenças de olhos, que Lisboa inteira conhecia. O illustre medico estabelecera a sua residencia n'esta capital, ha muitos annos, para onde viera procurando o nosso clima temperado, a conselho dos professores da Universidade, onde fez o seu curso com grande distincção.

Van-der-Laan era de compleição fraquissima, e não poderia resistir aos frios do norte.

Aqui mesmo, se a sua vida se prolongou durante annos, foi isso devido aos mil cuidados hygienicos a que se entregava.

Van-der-Laan estabelecera um consultorio de molestias de olhos no largo do Pelcurinho, onde os pobres recebiam tratamento de graça.

Esse consultorio gosava de grande fama, e das provincias vinha muita gente abastada tratar-se com o notavel especialista.

Foi um dos fundadores e directores do Jardim zoologico.

Tinha verdadeira paixão pela ornithologia. O seu aviario a Santa Izabel, foi sem duvida o mais vasto e variado que houve em Portugal. Muitas das aves do jardim zoologico sahiram d'esse aviario.

Van-der-Laan, apesar de muito activo e illustrado, não conseguiu nem a felicidade, nem a riqueza. Viveu sempre infeliz, e morreu pobre.

O INCENDIO DO THEATRO BAQUET

Fachadas da rua de Santo Antonio, e da rua de Sá da Bandeira, durante o incendio—Ruínas da fachada da rua de Sá da Bandeira—O actor Firmino

Démos, no nosso ultimo, em gravura, a fachada principal do theatro Baquet antes do incendio: hoje, damos tres novas gravuras representando as ruínas d'aquella mesma fachada, e ambas as fachadas do edificio, durante o fogo.

Publicamos tambem, na ultima pagina, o retrato do actor Firmino. O infeliz artista fazia beneficio na noite em que o theatro ardeu. Morreram lhe quatro pessoas de familia na catastrophe, incluindo uma filhinha. Perdeu tudo o que tinha no theatro, até mesmo o o producto do beneficio.

Um desgraçado.

MODAS

1.º—Vestido de cambraia. Corpete tunica, abrindo no peito e costas em quadrado, sobre outro corpinho de renda. Mangas compridas e justas. Cinto de seda, atado ao lado com laçadas e pontas compridas. Saia redonda armada em pregas, guarnecida com dois entremeios de renda. Touquinha de cambraia de seda, coberta com um grande véo da mesma fazenda.

2.º—Vestido de cambraia. Corpete com dois bicos, abrindo no peito sobre uma camisinha bordada e afogado nas costas. Mangas compridas, com canhões bordados. Saia redonda e pregueada, tendo a um lado uma quilha de moiré. Guarnecem a saia, acima da guarda piza, seis ordens de cordão de seda branco. Touquinha de cambraia de seda, enfeitada com laçadas de fita e longo véo de cambraia de seda.

SYLVIA DENTELLE.

ARSENAL DE VENEZA

Publicamos hoje uma estampa representativa do arsenal da cidade dos *doges*, tal como era no tempo em que Napoleão, senhor da Italia e de Veneza, derrubou a constituição d'aquella republica. Um edificio grandioso e magnifico.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

Esta mulher prende esta divindade—2—1
Rio na rocha e na Fabula—1—1
O pronome é parenta d'esta deusa—1—2
Esta nota na musica é parente d'um deus—1—2
A favor d'este homem nos livros—1—1
Rio, animal e deusa—1—2
O unico verbo é Deus—1—1

J. L. PERPETUA.

Patriarchal é minha irmã nos mezes—1—2

SILLAG.

(Retribuição a Dominó Branco)

Cidade da Palestina,
De Vichnou encarnação;
A' sombra d'ella, tambem,
Já gosei muito no v'rão.—2

Não se vé esta final
Como um cabrito a saltar;
Mas é certo que na dança
Teve sempre o seu logar.—1
E' no calendario turco
Um mez igual a setembro;
Outras cousas ainda diz
Das quaes, por fim, não me lembro.

Vizeu.

PEQUENO ANTONINHO.

Logogripho

Cidade—4—5—6—10—4—5—9—5
Cidade—1—5—3—5—6—5
Rio—5—6—5—4—10—8—5—4
Cidade—6—5—4—4—5
Cidade—3—7—6—2—5
Rio—4—7—8—3—5
Cidade—5—3—3—5
Cidade—1—10—3—4
Rio—5—8—8—5
Cidade—5—4—9—2
Cidade—3—10—3—5

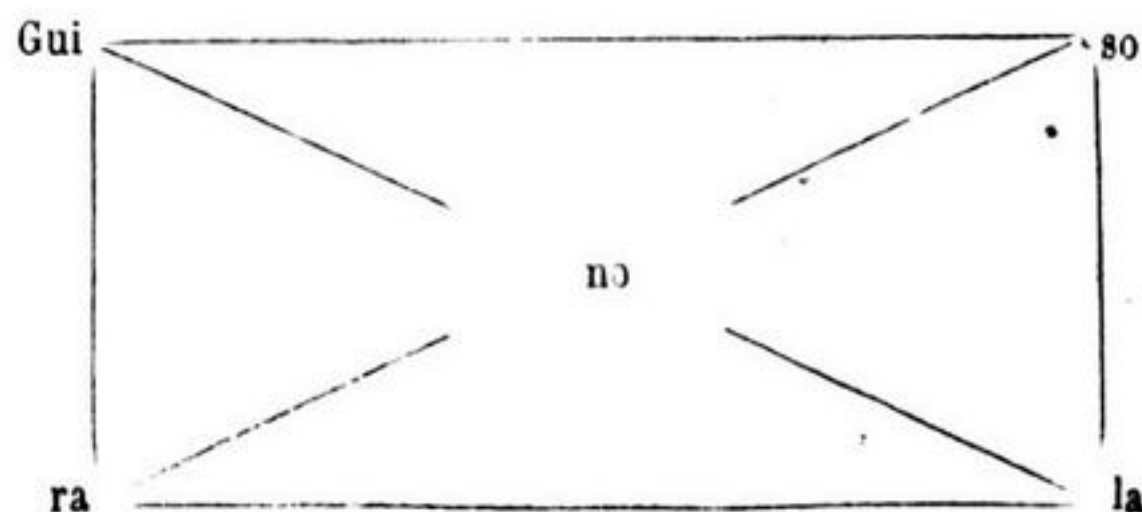
Quereis o conceito
Sem custar ad'vinhar?
E' coisa tão leve...
Mais leve que o ar.

Braga.

COSTA SEIMAS.

Decifrações

DAS CH. R. DAS :—Canhonada



DO ÉNIGMA:—Ruga.

UM CONSELHO POR SEMANA

Evita-se a queda do cabello, fazendo uso d'este preparado:

| | |
|-------------------------|-------|
| Sulfato de quina..... | 8 gr. |
| Balsamo do Perú..... | 4 " |
| Oleo de amendoa amarga | 40 " |
| Tutano de boi preparado | 120 " |

Ou d'este:

| | |
|--------------------|--------|
| Rhum..... | 10 gr. |
| Vinho branco..... | 40 " |
| Decocção de cevada | 10 " |

E' claro que, quem fór completamente calvo, não está ao abrigo da efficacia da receita.

Em todo o caso, experimente.

A RIR

Entre bohemios:
—E' incrível o numero de pessoas teimosas! Queres tu saber? Ha um sujeito, que ha in menso tempo tem em seu poder um casaco meu, completamente novo, e já encontro meio de fazer com que elle m'o restitua.

—Quem é?
—O meu alfaiate!



MODAS

—Calino sobe para um wagon de segunda classe.

Só ha um logar vago de cada lado.

Calino assenta-se e acha-se um pouco incommodado.

—Com os demonios, como eu sou tolo! exclama elle depois d'um momento de reflexão. Somos quatro d'este lado, e no outro banco são apenas tres.

E, rapidamente, passa para o outro logar em frente.

Exclamação d'um marido casado com uma mulher muito magra, depois de ter lido sobre a tampa d'uma caixa de phosphoros: *inflammaveis por fricção:*

—Exactamente como minha mulher!

THEORIAS

(De A. Karr)

Ha no theatro e nos livros umas convenções que restringem singularmente o numero das combinações dramaticas e litterarias, diminuindo n'uma proporção inquietadora a serie de coisas verdadeiras, uma serie de coisas verdadeiras cuja reproducção é defeza ao escriptor.

Assim, no theatro,—pode m escolher aquelle onde reinar mais liberdade, o auctor póda offerecer-nos em espectáculo creaturas quasi nuas e fazer-nos ouvir equivocacões de mau gosto; mas o que elle se não atreverá a declarar é que as ta's creaturas ligeiramente vestidas não são requestadas para bom fim; o publico daria por paus e por pedras se no final da peça ellas não fossem pudibunda e correctamente desposadas.

O adulterio só é tolerado quando os personageus exprimem os seus sentimentos peccaminosos fazendo uma breve pausa de cada vez que pronunciam seis syllabas, e outra maior quando pronunciam doze. Além d'isto é absolutamente necessario que os votos deshonestos se manifestem por meio de phrases em que, de doze em doze syllabas, as palavras hostis ao pudor terminem pelas tres mesmas letras que a ultima das doze precedentes syllabas criminosas.

O que quer dizer que a Phedra, em prosa e com outro nome que não fosse o de tragedia, excitaria a indignação do publico.

Nos livros ha mais alguma liberdade, exigindo-se t davia que o escriptor observe e reproduza coisas reaes e vivas, e que só escolha circumstancias de uma certa natureza,—isto é—que se obrigue gratuitamente a desprezar quadros e scenas que lhe estão ferindo os olhos diariamente.

O adulterio é admittido nos livros,—uma mulher casada póde ter um amante,—uma mulher não casada,—de ordinario exige-se que seja viuva,—póde ter um amante e enganar-o com outro.

Póde-se buscar e tirar d'estas duas situações todas as combinações possiveis.

Mas ha uma outra situação muito mais que commum na vida ordinaria, e que, todavia, não é admittida nos livros. Olhe cada qual em seu torno: não ha ninguem que não tenha, no circulo dos seus conhecimentos, uma mulher que, enganando o marido com um amante, engane igualmente este com outro, isto é, que pratique o adulterio por partidas ou «por fl res dobradas»,—«flore pleno»—como dizem os horticultores.

Succede não raro que um amante demasiadamente seguro da posse do «objecto amado» se deixa deslizar no declive suavemente escorregadio do habito, vae substituindo gradualmente o marido, que se eclipsa a fim de ir prestar culto a outro idolo,—e acaba afinal por succeder-lhe em todas as minudencias conjugaes.

Esse tal converte-se pouco e pouco em marido, n'um segundo marido, n'um outro marido; mas, em todo o caso, n'um marido. N'estas circumstancias esquece-se que o papel do amante differe muito do esposo, que não deve substituir este ultimo, mas completal-o;—que deve acompanhar ou pelo menos seguir a mulher nas suas phantasias extra conjugaes; que a não deve estorvar, nem refrear, nem moderar; que não deve amala, mas adoral a e sobre tudo divertil-a.

A falta de saber estas coisas o sujeito faz da sua ligação, a principio criminosa, uma coisa que acaba por ser tolerada, admittida, reconhecida pela sociedade, uma ligação honesta, estimavel; torna-se como que o marido de uma mulher viuva de um esposo vivo;—faz observações, economias—torna se familiar, ralh, reprova, prohibe, obsta, embaraça;—n'uma palavra, sem dar por isso, abandona insensivelmente o papel de amante e deixa vagos um logar e um emprego que são em breve preenchidos.

O coração feminino é uma viscera que, á semilhança da natureza, tem horror ao vacuo; o primeiro marido não entra na escala, o primeiro amante passa a marido por antiguidade e é, não substituido como eu ha pouco dizia, mas completado por um aspirante á selecção da dona.

CASTOR,

A HORA TRAGICA

EM QUINTA FEIRA MAIOR

Envolver-se-hão amanhã em luctuosos crepes os altares dos templos, dominados pela cruz negra que symbolisa a Paixão do homem, divinizada pelo holocausto de um justo; resoarão ao longo das sonoras naves das egrejas, juncadas de rosmaninho e impregnadas de incenso, as soluçantes prophcias dos videntes de Jerusalem, as elegiacas lamentações de Jereias, synthese de todas as humanas tribulações n'este duro destierro da terra, segundo a phrase de Thereza de Jesus.

E nunca a voz gemebunda dos psalmos, evocando ante o nosso olhar conturbado a pallida e sangrenta figura do Christo pendente dos braços da cruz, nunca a dilacerante eloquencia d'esses threnos, gotejantes de lagrimas, vibrarão como agora tão profundamente no mais intimo do nosso ser.

E' porque a dor impõe-se-nos n'este momento com uma autoridade flagelante, e porque a angustia d'esta hora tragica exerce sobre nós todos a sua attracção, absorvente, é porque iniciados no soffrimento proveniente de uma desgraça de familia, aterados pela allucinante visão de uma catastrophe pungentissima, o nosso coração enlutado volta-se para o céu, como as parietarias que florescem nas ruinas se voltam para a luz do sol.

Vibrando de uma impressão esmagadora, feridos por uma desdita irremediavel, tendo no ouvido o estertor dos agonisantes, os soluços dos sobreviventes, o clamor dos orphãos, a nossa alma acha-se como que preparada, bem melhor do que pelas confissões e pelos jejuns, para commungar n'essa grande eucharistia dolorosa, que a eleva e purifica, que a arranca ás miseras preoccupações da terra para depois a, contricta e lacrimosa, no seio da oração.

A palavra da igreja, commemorando a angustiosa tragedia do calvario, tem hoje uma nova eloquencia e é como que o balsemo mysterioso que vem dulcificar-nos o esphacelado coração, ensinando-nos a padecer resignadamente, a acceitar sem protestos impios a inflexivel lei que prezide á vida humana, em obediencia á qual soffreu um justo e morreu um Deus.

Mas se o christianismo nos impõe a resignação, como um dos seus preceitos fundamentaes, a humanidade exige-nos, em memoria dos nossos irmãos victimados, que nos revoltemos contra a criminosa incuria dos que, impunemente, consentiram que houvesse dentro de um theatro um tumulto!

E' precisamente essa tremenda antithese que faz surgir a morte, com todos os seus pavores, de uma das alegres irradiações da vida, é o medonho contraste que resulta do aspecto dos cadaveres, onde o ultimo sorriso provocado pelo prazer do espectáculo fica estereotypado no *ricus* tragico da primeira convulsão da agonia; é essa hybrida e confusa identificação do elemento comico acabado de evidenciar no palco, com o elemento funebre, apparecendo inesperadamente, e mudando as gargalhadas em gemidos e transformando a festa, á qual os forçados da existencia fôram pedir um instante de treguas ás suas maguas, uma ficção embora ephemera, para illuminar o seu escuro caminho, em uma hecatombe; é esta estranha junção da vida com a morte, no fatal momento em que ninguem se lembra da morte, suppondo a longe, entregue á sua sinistra tarefa de espiar os doentes, de percorrer os hospitaes, de esvoaçar em torno dos phísicos, dos velhos curvados para a terra e das loiras creancinhas, acabadas de nascer, que teem saudades do céu; é essa pungente ironia do destino que instiga a *barregã*, como lhe chamou Baudelaire, a recordar-se dos que a esquecem, a comparecer nos logares defesos ao seu dominio, deleitando-se ahí, insaciavel Ugolino, no *fiero pasto*, cevando-se na carne tenra dos sadios, no sangue generoso dos moços, dos felizes, dos amados.

E' tudo isso que se gravou indelevelmente no meu espirito asombrado, mas a que eu intento em vão dar uma forma synthetica, susceptivel de resumir, em um determinado aspecto, as complexas dimensões de um quadro dantesco; é ante a desoladora realidade que cobriu de um luto eterno tantas familias, que arrojou ás rubras labaredas tantos martyres, que despenhou nos horrores da miseria tantos orphãos, que a minha voz protesta indignada, e que eu pergunto ao egoismo dos emprezarios, á ignorancia dos edis, a quem incumbe a superintendencia dos theatros, á indifferença dos poderes publicos, a que estão subordinadas as autoridades locais, á cobardia dos bombeiros que desertaram do seu posto, abandonando no fundo da cratera esses que o seu duplo dever de humanitarios e de profissionaes lhe impunha que disputassem ás chammas á custa embora da propria vida; é a todos esses réos de lesa humanidade, que eu pergunto:—Caim, que fizeste de teu irmão?

Objectar-me-hão, talvez, os que para tudo acham attenuantes e que, desde as modernas conclusões da criminalidade pathologica, que indulta os assassinos, cobrindo os com a responsabilidade

de larvados, estão sempre do lado dos réos; dir-me-hão por ventura esses singulares optimistas do mal, que os sangrentos effeitos do fogo do theatro Baquet são tanto da competencia das auctoridades, que descuram a vigilancia das casas de espectáculo, das emprezas que as dirigem, como dos incautos espectadores que as frequentam.

Responder-lhes-hei, poré n, que a responsabilidade, seja qual for a sua amplitude, sempre mais ou menos discricionaria, pertence aos governantes e nunca aos governados. Estes deixam-se inconscientemente arrastar pelo contagio do exemplo, ou pelas tendencias annexas aos seus gostos e predilecções, sem attentarem na eminencia do perigo, seja elle visivel e inevitavel, como era o do theatro Baquet.

Cumpra aos que, na collectividade multidão, constituem a cabeça, que pensa, e o braço que dirige, cumpra-lhes a elles guiarem os seus tutelados, desviando-os brandamente ou autoritariamente, se tanto for preciso, do abysmo que se lhe abre aos pés e para o qual os loucos correm, na cegueira, na indifferença ou na ignorancia que caracterizam as massas.

Além de que, se falta ao povo portuguez o que sobeja aos outros povos de todos os paizes civilizados, a infinidade de divertimentos accessiveis aos menos abastados, passeios publicos, kermesses, parques de recreio, bailes *à la belle étoile*, etc, como é que julgam possível supprimir-lhe o unico que lhe resta e que exerce sobre elle a irresistivel fascinação, a especie de ebriedade que o theatro encerra para todos nós, meridionaes, desde os menos cultos, que vêem na exhibição scenica uma simples distracção, até aos mais illustrados, que procuram ali a realisação tangivel do seu ignorado ideal?

O gosto pelo theatro, que nos vem directamente da França, nossa constante inspiradora, patria intellectual de toda a raça latina, enraiza se cada vez mais nos nossas habitos, como natural resultante da intensa vida cerebral de um seculo de fantasistas, de enfastiados, de curiosos e de sedentos das violentas sensações do imprevisto.

Ninguém poderá, nem de certo intentará, deter essa corrente symptomatica do progressivo desenvolvimento intellectual de um povo.

Contraria a, na prveidencia de uma catastrophe latente, traria como consequencia immediata outros perigos, menos tragicos, mas igualmente funestos.

Quantas familias tiram a sua subsistencia do theatro. Quantos veem no theatro a estrella do seu futuro, a suprema aspiração da sua carreira, o *discederatum* que deverá, em uma hora de indizivel jubilo, premiar-lhes as asperas fadigas da gestação mental, os esforços para conquistarem um sonhado e inaccessible ideal entrevisto em um momento de ardente inspiração?

Desde que o theatro é um dos primeiros elementos civilisadores, por influencia do qual se corrigem os costumes, se ampliam os horisontes artisticos, se illuminam os entendimentos menos lucidos, desde que o theatro equivale, alternadamente, para as multidões a um fino prazer espirital, a uma lição instructiva, a um passa tempo indispensavel e a um emprego de muitas aptidões, que sem elle permaneceriam improductivas, é evidente que esse theatro representa em qualquer paiz uma instituição da maxima importancia, que como tal tem jus a toda a protecção dos poderes constituídos.

Não se trata, por conseguinte, de censurar inoportunamente aquelles que o frequentam, e sim de condemnar severamente aquelles que o não protegem, garantindo-nos contra a possibilidade de perigo.

Enterrar os mortos e cuidar dos vivos, eis a phrase que um grande estadista pronunciou, (novo Mario erguido sobre as ruinas de Carthago, ao ver caída a seus pés uma cidade desmoronada.

Enterremos piedosamente os nossos queridos mortos, mas... *les morts vont vite*; não tarda que se percam na espessa sombra do olvido, onde se esvaiem todas as nossas tristezas e todas as nossas alegrias, os restos carbonizados e informes d'esses martyres da imprevidencia.

Aproveitemos a hora presente para cuidar seriamente dos vivos, exigindo a todos os theatros as condições de segurança que faltavam no theatro Baquet, e pedindo aos ministros que se dignem facilitar-nos o meio de gosarmos um espectáculo, sem a collaboraçao obrigatoria da perspectiva de um cemiterio.

Em seguida a essa noite tragica, de que todos nós trazemos o luto no coração, surgiu uma appareção, divinamente consoladora, que nos provou que a humanidade, a despeito da negra philosophia teutonica, que alastra as suas raizes venenosas de um a outro extremo da Europa, é ainda susceptivel d'estes effusivos delirios d'amor, que tudo confortam e resgatam, que tudo suavizam e redimem, com o seu poder sagrado e omnipotente.

De todos os pontos do paiz jorram caudaes de esmolos, abrem-se inexgotaveis mananciaes de caridade, e a misericordiosa alma do povo portuguez revela-se em toda a sua doce sensibilidade intuitiva, em toda a sua bondade ineffavelmente compassiva.

A' frente d'essa cruzada do bem, levanta-se o prestigioso vulto de uma rainha. A sr.^a D. Maria Pia, desceu os degraus do

throno para subir a ingremã escada que condaz ao tugurio do pobre, indo curvar-se piedosamente á beira do catre dos feridos; e depois de repartir com os desvalidos a abençoada esmola do seu bolsinho, a rainha ungiu as chagas d'esses Jobs com lagrimas, provando ao mundo que as princezas tambem choram quando possuem, como a rainha de Portugal, uma fina sensibilidade de mulher, vibrante a todos os infortunios, e uma grande alma de mãe, susceptivel de todas as dedicações.

GUOMAR TORREZÃO.

UMA PAIXÃO

O padre José não era um sacerdote como são os outros. Triste, muito triste mesmo para a sua extrema mocidade, a melancholia que o dominava era um enigma que fazia scismar todos.

A carreira ecclesiastica nas ilhas, é, senão brilhante, pelo menos muito appetecivel, muito apresentavel, e cercada de um respeito popular que enche de satisfação os corações simples dos presbyteros. Elles são os guias natos de todas as aventuras da alma, através a odyssea terrena. E são elles ainda, os que, nas suas mãos sagradas, teem os passaportes em regra para o ceo.

Ser moço e padre, eis, portanto, um vasto sonho d'ouro e incenso, que seduz as imaginações ingenuas d'aquelles montanhezes altivos das ilhas, poetas rusticos pelo nascimento entre os cerros alcantilados e os plainos areentos circumdados de mar.

A alma d'elles, aprende com a canção das ondas, com o leve sussuro da aura, com o vôo cortante das aves; tem delicadezas infinitas de sentimento, expressas no aneio fervente dos seus cantos, feitos de beijos de luar, feitos de estrellas da noite e de virações subteis.

E cada alma de um d'esses montanhezes, é a alma de um poeta em toda a nitidez candida e resplandecente da mocidade e do desconhecimento do mundo. Oh! felizes os que moralmente dormem embalados n'esses berços de flores, a sós com as suas purissimas crenças tradicionaes, no patriarchismo absoluto dos povos ignorados.

Ora, o padre José, fôra um d'esses singelos filhos do campo, amorenados pelo sol e fortificados pela brisa alpestre.

E namorara como todos os rapazes. E tivera jubilos infantis, quando sentira pela vez primeira, entre as suas mãos fortes, os queridos e tenros braços, a ondulante figura da sua apaixonada. E hebera no seu olhar limpido como as lagoas quietas, todo um futuro d'amor.

Mas uma epidemia cruel, que assolou a ilha, devorou a virgem dos seus sonhos, a esplendida Maria.

Cuidou de enlouquecer, o rapaz; demasiado religioso, porém, para attentar no suicidio, e desejoso de viver só para a recordação d'ella, sempre viva na sua imaginação *dolente*, de namorado, resolveu tomar ordens sacras.

Tinha só a mãe, no mundo, e essa pobre montanhaz ruda, alquebrada e preocupada de trabalho, não comprehendia a extrema sensibilidade do seu coração.

Foi, pois, para o seminario d'Angra, e de lá voltou á sua terra, ordenado e com grande reputação de talentoso.

Desenvolveu-se-lhe a intelligencia ao calor espirital da philosophia christã, e o seu amor purificou se, subtilizando-se n'uma aspiração abstracta da sua alma virgem e ardente, a inclinar-se sempre para os mundos desconhecidos, onde via a imagem d'aquella que elle amara na terra.

A pressa, a ancia de largar este mundo, era visivel no seu semblante de visionario, docemente macerado e sonhador.

Quando depois da sua primeira missa, a mãe o foi estreitar nos braços, ajoelhada ante a rendilhada cadeira de espaldar, em que elle, todo coberto d'ouro, na grande pompa lithurgica, a recebeu, em commovente ceremonial, ponde a pobre mulher, toda tremula, ouvir dos seus labios sagrados estas palavras estranhas, cortadas de soluços:

—Oh! mãe! se eu pudesse apertar igualmente aquella que Deus lá tem!

Aquella que o bom Deus lá tinha, era a sua promettida noiva, era a outra mulher que elle mais amara na terra e cuja morte brusca havia cortado para sempre o verde campo risonho das suas chimeras juvenis.

E a cabeça coberta com o barrete symbolico da sua realza ecclesiastica, pendeu-lhe sobre o peito, emquanto o publico olhava absorto, o clero psalmodiava contente, e os thuribulos de prata rendada, agitados em roda d'elle por mãos de creanças, espalhavam docemente no espaço os seus aromas orientaes.

O novo presbytero tinha nas mãos um lenço de linho fino,

alvo e immaculado como a sua alma, e que de vez em quando chegava à frente delicada, para enxugar algumas lagrimas que se denunciavam nas palpebras e que o publico attribuia à commoção do momento. Mas um ataque de dyspnea, fez-o inclinar a cabeça para traz no espaldar da alta cadeira, para respirar com força, com esse movimento peculiar dos tísicos, e uma espuma ensanguentada purpureou-lhe os labios descorados. Então foi rapido com o lenço á bocca, de temor que se lhe salpicassem as vestes douradas, que pertenciam á igreja.

O lenço ficou golpeado de sangue, semelhante na sua mão de cera um grande cravo branco, rajado de vermelho.

A mãe, que lhe ouvira distinctamente murmurar o nome de Maria, com uma expressão dolorosa, e que sabia a quem elle alludia, segredou-lhe com esse accento amoroso e suave, cujo esgredo todas as mães possuem:



ACTOR FIRMINO

te d'ali, e viajava na eterna região dos sonhos.

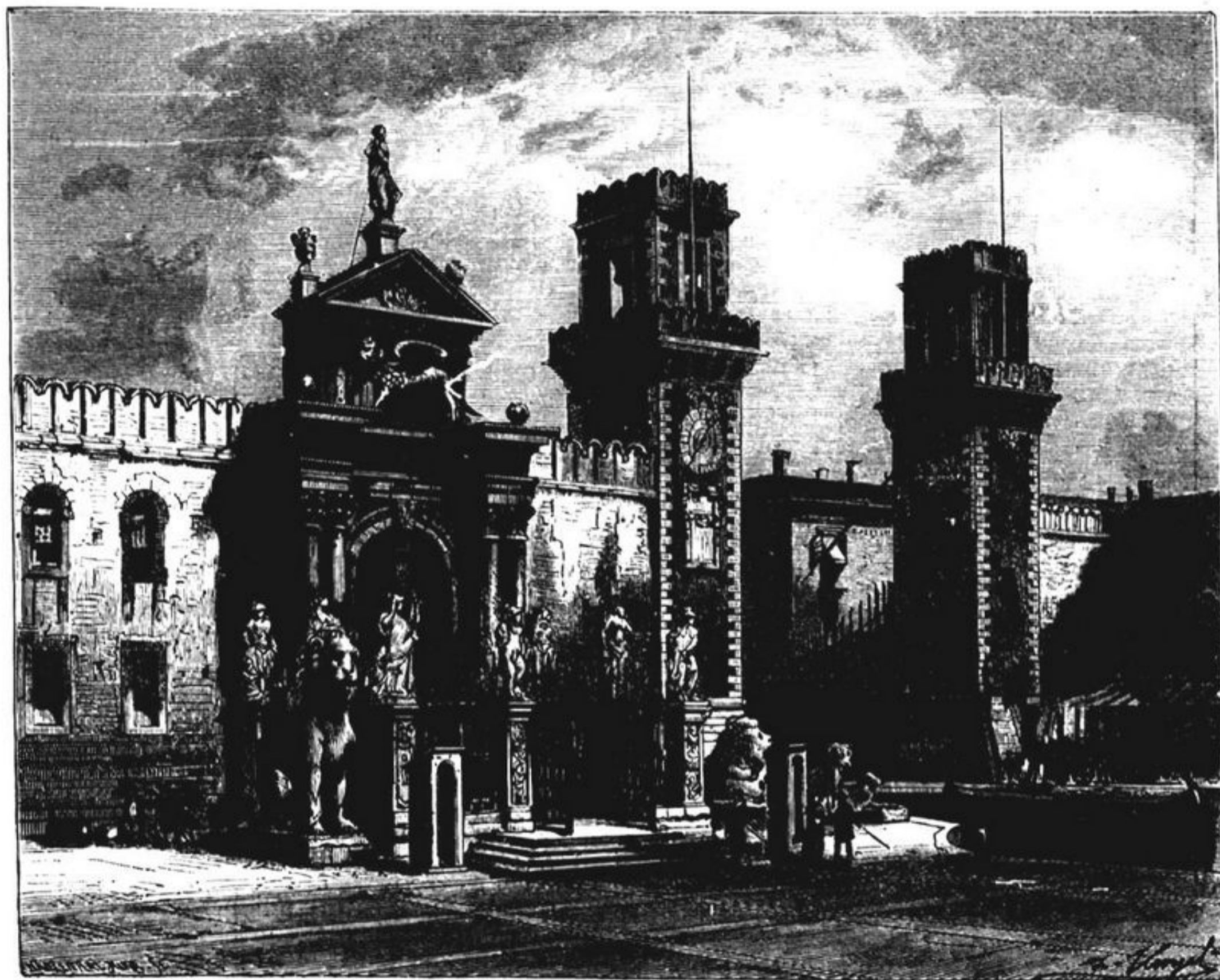
Finda a cerimonia, todos voltaram ao prosaismo da vida, á lucta pela existencia, menos elle. Os dias succederam-se crues, as noites pungentes.

A' maneira que se aproximava o termo fatal d'aquella existencia, a imaginação exaltava-se-lhe, e as suas predicas tinham o cunho phantastico do sobrenatural, proprio de um homem que fallava do humbral da eternidade.

Afinal, um dia, foi a mãe encontral-o morto no seu quarto. Era á tardinha, ao descer do sol no horizonte, quando a brisa perfumada e quente penetrava, como uma caricia, pela larga janella aberta sobre os campos verdes.

Estava reclinado sobre uma enorme poltrona de carvalho, e parecia dormir. O rosto, de uma pallidez creme, destacava-se vigorosamente do espaldar negro da cadeira gigantesca.

Sobre uma meza, ao lado, um album enorme com esquisses de



ARSENAL DE VENEZA

—Filho! filho que dás cabo de ti!

E *in petto*, accrescentava:

—E de mim...

O joven sacerdote encarou a mãe, e n'um arranco, lançou-lhe os braços ao pescoço e beijou-a com ternura.

E os seus labios descorados, proferiram algumas palavras para lhe inspirar confiança acerca da sua saúde, ao mesmo tempo que recaia mentalmente no seu pensamento fixo muito distan-

campo; e na pagina aberta, um retrato a crayon, da Maria, de uma pasmosa semilhança...

A' roda do retrato, uma elegante silva de flores silvestres, apenas começada...

O lapis tinha-se desprendido dos dedos inertes e rolado para o chão.

JOSÉ MARIA DA COSTA.